

## EM BUSCA DO PRAZER: PERCURSO EVOLUTIVO DO PENSAMENTO HEDONISTA

### IN SEARCH OF PLEASURE: THE EVOLUTIONARY COURSE OF HEDONISTIC THOUGHT

Christopher Smith Bignardi Neves<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio teórico conceitua-se o hedonismo a partir de Sócrates, das escolas cirenaica, epicurista e utilitarista até culminar nos conceitos de hedonismo pós-moderno na concepção de Michel Onfray. O objetivo consiste em descrever de modo sintético os argumentos acerca do hedonismo construído nos últimos 2500 anos. Desta forma após análises críticas foram elaborados quadros comparativos que possibilitam confrontar os principais pensadores de cada período mencionado. O materialismo hedonista de Michel Onfray é o mais perceptível na contemporaneidade, possivelmente por refletir os pensamentos desta época. Nas considerações finais é realizada uma reflexão sobre o impacto do período pandêmico na busca pelo prazer, comprovando que o ser humano necessita de prazeres efêmeros para o bem-estar.

**Palavras-chave:** Hedonismo. Prazer. Michael Onfray.

**Abstract:** This theoretical essay conceptualizes hedonism starting from Socrates, the Cyrenaean, Epicurean, and Utilitarian schools until it culminates in the concepts of postmodern hedonism as conceived by Michel Onfray. The objective is to describe in a synthetic way the arguments about hedonism built up over the last 2500 years. In this way, after critical analyses, comparative charts were elaborated, which make it possible to compare the main thinkers of each period mentioned. The hedonistic materialism of Michel Onfray is the most perceptible in contemporaneity, possibly because it reflects the thoughts of this time. In the final considerations, a reflection is made about the impact of the pandemic period on the search for pleasure, proving that the human being needs ephemeral pleasures for well-being.

**Keywords:** Hedonism. Pleasure. Michel Onfray.

## INTRODUÇÃO

O hedonismo é uma filosofia originária da Grécia no período da Antiguidade Clássica, consiste na busca pelo prazer, objetivo máximo do ser humano. Esta filosofia de sociedade, estritamente deste grupo, busca primeiro o prazer, de forma indiscriminada, caracterizado também pela ausência de qualquer outro elemento ou interesse, de caráter imediatista. Segundo Abbagnano (1998, p. 497) o hedonismo "indica tanto a procura indiscriminada pelo prazer, quanto a doutrina filosófica que considera o prazer como o único caminho bem possível, portanto como fundamento de vida moral".

Nessa busca incessante pelo prazer, o indivíduo hedonista quer algo, ele o quer para agora, não se importando com absolutamente mais nada. A ética e a moral social inexistem.

---

<sup>1</sup> Mestre em Turismo. Doutorando em Geografia - Universidade Federal do Paraná (UFPR). smithbig@hotmail.com

Assemelha-se a uma filosofia pós-moderna, onde cada vez mais indivíduos vem gerando prazer sobre a própria imagem, status e glamour; porém a filosofia hedonista é muito anterior a isso, como atenta Marchi (2009), Nascimento (2013) e Teixeira (2015).

Do ponto de vista histórico a filosofia hedonista começa a surgir com os povos fenícios, baseado na ideia de antropocentrismo. A influência dos povos fenícios nos povos gregos e romanos, vai ser fundamental para a ideia do egocentrismo, onde ego, personalidade, senso de importância, desenvolvem posteriormente o hedonismo.

O objetivo geral deste estudo é identificar as categorias do hedonismo na perspectiva de Michel Onfray confrontando com as correntes teóricas de outros filósofos do hedonismo. Especificamente busca analisar as correntes filosóficas que abordam o hedonismo desde a antiguidade clássica até o período atual, onde se poderá pormenorizar o materialismo hedonista do filósofo francês Michel Onfray.

O pesquisador ao utilizar-se de uma metodologia adota um caminho para alcançar ao fim a qual se propôs, apoiado no método científico atinge o conhecimento através de processos intelectuais e técnicos (GIL, 2002). É desta forma que o pesquisador tem acesso aos referenciais teóricos confiáveis para seu estudo, além de lentes teóricas que proporcionam um novo olhar sobre a ciência. A escolha por uma pesquisa qualitativa ocorre porque possibilita adotar ideias filosóficas mais abrangentes, o que auxilia na resolução dos objetivos elencados (CRESWELL, 2016).

As prerrogativas da pesquisa bibliográfica é possibilitar ao pesquisador um respaldo sobre uma variedade de fenômenos bastante ampla, reside aqui uma das premissas da pesquisa bibliográfica, sendo ofertar dados dispersos LAKATOS, MARCONI, 1992). A pesquisa bibliográfica induz a conteúdos teóricos variados, que aumentam o conhecimento e compreensão sobre a temática pesquisada. Quando o pesquisador opta por um material de alta qualidade, faz uma imersão sobre o estudo, sua produção pode ser *a posteriori* um novo material de consulta. Isto é, a pesquisa bibliográfica, é um ciclo, indispensável aos estudos qualitativos.

Todo e qualquer trabalho acadêmico requer um conhecimento sobre os livros, artigos, periódicos de modo impresso, eletrônico, entre outros, sendo imprescindível um processo metodológico, um certo caminho a seguir, como forma de ser racional e econômica para aquele que realiza a pesquisa (SOUZA, 2001, p. 59).

Desta forma, este ensaio teórico discorre sobre o pensamento hedonista, no primeiro momento compara o pensamento filosófico clássico de Aristipo de Cirene e Epicuro de Samos; no segundo momento analisa o hedonismo moderno pelas correntes filosóficas de Julien Offray

de La Mettrie e Donatien Alphonse François de Sade; o hedonismo utilitarista é abordado no terceiro momento onde se faz a comparação das teorias de Jeremy Bentham e John Stuart Mill; o último momento de análise é a pós-modernidade, representada pelo materialismo hedonista de Michel Onfray. Finalizando com análises e considerações finais.

## 2. O HEDONISMO CLÁSSICO

A noção de *hedoné*, palavra grega que deu origem ao termo hedonismo, somente tornou-se objeto da filosofia a partir da herança deixada por Sócrates (470 a.C. – 399 a.C.). Para Marchi (2009, p. 15), Sócrates une o prazer ao agradável, baseando-se em que “as coisas agradáveis são consideradas boas porque suas consequências são boas e as coisas desagradáveis, da mesma forma, são más por terem consequências más”, o objetivo elencado por Sócrates é descobrir se o prazer é bom.

A questão levantada por Sócrates em diálogo com Protágoras (490 a. C. – 415 a. C.) questiona se o bem difere do prazer ou o mal da dor. Nascimento (2013, p. 118) afirma que “como Protágoras se mostra incapaz de diferenciá-los, no entanto, ele é forçado a admitir a identidade entre o bem e o prazer, isto é, a tese hedonista”. Nascimento (2013) sustenta a dúvida de que Protágoras tenha elaborado uma tese hedonista, visto que este assentiu com a tese proposta por Sócrates. Assim, Protágoras concorda “com a afirmação de Sócrates segundo a qual uma vida bela, boa e útil é uma vida prazerosa” (TEIXEIRA, 2015, p. 61).

Para Marchi (2009) a teoria hedonista de Protágoras é equiparada com o bem, para os sofistas era incabível que o homem conhecedor do que é bom praticasse o mal. Se entende em Sócrates no diálogo com Protágoras que “a finalidade das coisas boas é o prazer, não a satisfação momentânea, mas o bem-estar permanente” (MARCHI, 2009, p. 17)

A questão do hedonismo no Diálogo de Sócrates com Górgias (485 a. C. – 380 a. C.) é mais complexa, primeiramente há uma alusão ao prazer que ocorre na discussão de Pólo com Sócrates, a segunda discussão ocorre com Cálicles, onde o debate sobre prazer foi pormenorizado, Sócrates nessa discussão tece o elogio da temperança à Cálicles, que ao rebater a ideia, radicaliza sua teoria hedonista, defendendo a satisfação de todos os apetites.

No entendimento de Sócrates a pessoa que constantemente busca os apetites é um escravo dos mesmos, fazendo com que o homem não se sinta pleno e tranquilo, concepção que não é compartilhada por Cálicles, pois defende a ideia de que uma vida feliz é aquela que satisfaça todo e qualquer apetite, não distinguindo apetites bons e apetites maus. (MARCHI,

2009). O que é pertinente na tese hedonista de Cálicles é que os homossexuais deviam ser considerados elogiáveis e felizes, porque saciavam seus apetites, sem distingui-los entre o bom ou mau, preferindo os prazeres à razão. Sócrates é enfático ao propor uma versão hedonista, que distinguia os prazeres bons e prazeres maus.

Platão defendia apenas os prazeres puros, aqueles originados pela ausência da dor, fazendo-o no diálogo Filebo. Para Francalanci (2014, p. 79) “a posição de Filebo não será associada a nenhuma escola filosófica hedonista”. Há o entendimento de que para Platão todos os seres vivos buscam o prazer, em contrapartida, repudiam a dor, por este motivo o prazer é a finalidade de todas as coisas. Desta forma “eleger o prazer como o Bem por excelência é atribuir a sensação o primado sobre a compreensão da realidade e, mais ainda, definir o prazer como medida plena de realização do homem no mundo” (SILVA, 2003, p. 99). Logo, Platão defende o hedonismo nas teorias do desejo, do amor e da beleza, a *hedoné* como uma maneira de identidade entre o bem e o prazer, para Teixeira (2015, p. 58), “o objetivo de Platão não é detalhar em que consiste a ciência dos prazeres que é, também, a ciência do bem e do mal, mas, antes, apenas demonstrar que se trata de uma ciência”.

Aristóteles em *Ética Nicômaco*, nos livros VII e X, entende o prazer como uma atividade do estado habitual, como uma realização, onde agimos com discernimento e precisão quando exercemos nossa atividade com prazer.

Aqueles que exercem sua atividade com prazer, a exercerem com mais discernimento (krinousi) e exatidão (exakribousin). Assim, aqueles que encontram prazer em se exercerem na geometria, tornam-se geômetras melhores, e eles compreendem melhor seus vários problemas; e similarmente os que amam a música, a arquitetura ou as outras artes progridem (epididoasin) nas obras que lhes são próprias por encontrarem prazer (karontes autôi) (ARISTÓTELES *apud* AGGIO, 2017, p. 116).

Para Lebrun (2006, p. 452), o prazer é um bem, afirma que “quanto a esse ponto Platão, Epicuro e Aristóteles estão perfeitamente de acordo o prazer é bom por si mesmo, o prazer é um bem e, se deixa de sê-lo, é somente quando a dor a ele se junta”.

Dentre os filósofos gregos que tratam do prazer está Aristipo de Cirene (435 a. C. – 356 a. C.) fundador da escola cirenaica, que sustenta a existência do prazer e da dor como dois estados da alma “sendo o prazer um movimento suave, e a dor um movimento brusco. Um prazer não difere de outro prazer, nem um prazer é mais agradável que outro; todos os seres animados aspiram ao prazer e repelem a dor” (LAERTIOS, 2008, p. 69).

O prazer não era estável, mas apenas um movimento em torno do prazer, o que era o entendimento da escola cirenaica.

[...] o prazer é por eles concebido como um objetivo imediato e limitado a ser alcançado, já que concordam entre si que o fim perseguido pelo homem é o prazer de forma imediata, e não há felicidade que supõe uma certa continuidade e duração (SILVA, 2003, p. 101).

Para os cirenaicos o prazer é algo instável, momentâneo, fugidio e fugaz, onde a virtude aumenta conforme cresce a quantidades de prazeres obtidos. Nesta escola há uma busca de prazer a todo instante, dispensando o auxílio da filosofia. Para Aristipo o prazer somente poderia ser sentido no momento de realização (presente), o prazer passado ou o futuro tão pouco importam, por já ter sido consumado ou por não ter ocorrido.

Na concepção cirenaica não haveria prazeres ruins, a origem ou forma do prazer não importava. Quanto mais prazer o indivíduo tem, mais próximo da felicidade ele se encontra. A felicidade seria para o filósofo a soma de todos os atos, não sendo plena se houvesse autocontrole, constituindo o prazer no tato, logo, o prazer poderia ser sentido.

Epicuro de Samos (341 a.C. – 270 a.C.), em Carta a Meneceu entende que a completude do prazer é experimentada pela alma e pelo corpo, a ação prazerosa se dá com a compreensão dos seus próprios limites naturais e necessários, pois a filosofia dota o indivíduo de sabedoria para distinguir sobre o que é necessário e o que é dispensável. Assim, para Epicuro o sentido da filosofia é a realização de uma vida feliz. Para o filósofo, o prazer e suas sensações têm origem no pensamento, sendo o princípio da ação, tendo como ápice a realização do bem-estar como estado de prazer (*hedoné katastematiké*).

Epicuro percebe a realização de uma existência feliz (*makários zên*) através do Bem. Para tanto, ele compreende que se deve reformular a noção de prazer que se estabeleceu pelos cirenaicos a partir de análises feitas em Platão e Aristóteles sobre esta questão. As divergências do epicurismo e dos cirenaicos está na afirmação de Aristipo de Cirene que "nenhum prazer difere do outro e um prazer não é mais agradável que o outro", para Aristipo todo e qualquer prazer deveria ser buscado. Na concepção de Epicuro o prazer é constitutivo, ou seja, se inicia no pensamento, parte para a ação onde a finalidade é se tornar estável.

Esta estabilidade é possível na ausência de sofrimentos e perturbações. Desta forma prazer e a dor se excluem, pois, prazer é natureza, um estado de ser do homem, o equilíbrio: repouso e a calma como satisfação dos desejos naturais e necessários. O prazer tido como modo de vida sensato, belo e justo. Para o filósofo: “o prazer é a expressão da *harmonía* entre o *sophós* e o mundo, que se traduz por um estado em que o corpo encontra-se em equilíbrio (*eusthates*) e a alma serena (*galénimos*)” (SILVA, 2003, p. 102).

O prazer relatado por Epicuro refere-se ao prazer do corpo. Desta forma é um prazer físico, uma vez que Epicuro se referia que “o princípio e a raiz de todo bem é o prazer do ventre”, assim, os prazeres do corpo são vividos apenas no presente, enquanto que os prazeres da alma podem ser antecipados ou recordados, já que se inserem no passado, presente e no futuro.

Silva (2003) aponta que no epicurismo os prazeres da alma são reminiscências dos prazeres do corpo, podendo a alma prolongar o momento presente de um prazer através da repetição imagética da sensação do prazer que ficou retido na memória, pode inclusive satisfazer a ausência momentânea, pois acreditava que haverá prazeres análogos no futuro, como uma espécie de *terapia* da memória. Assim, Epicuro entrelaça memória, realização e esperança como características da existência e da felicidade.

[...] o prazer só é pleno quando a *phrónesis* age em relação aos desejos, pois, entre eles, uns são naturais e necessários. E, outros, naturais mas não necessários; e outros ainda, nem naturais nem necessários. Os primeiros devem ser escolhidos em detrimento dos demais, porque visam sobretudo a saúde do corpo e a tranquilidade da alma (SILVA, 2003, p. 106-107).

Os epicuristas concebiam a *Sophós* como ferramenta harmonizadora da vida, ponderando entre carências e excessos, de existência simples. O prazer do bem não se refere aos prazeres raros e luxuosos, mas aqueles da *phrónesis*. O hedonismo da escola cirenaica é totalmente diferente do epicurismo, refere-se a *hedoné* e a *eudaimonía* como reflexos da tranquilidade e paz de espírito. Há diferentes circunstâncias históricas que levam a essa produção filosófica, principalmente as necessidades sociais da época.

O hedonismo de Epicuro se diferenciou do cirenaico ao explicitar que o prazer a ser buscado não é igual ao dos dissolutos e dos “intemperantes”, mas aquele que é refletido, analisado e que se tem em conta as consequências ou implicações de sua eleição. Epicuro condenava a *hedoné* desenfreada, pois ao contrário dela propiciar a saúde do corpo e o equilíbrio da alma, acabava tendo um resultado negativo, ou seja, o prazer convertia-se em dores e em desequilíbrios. O prazer epicurista era comedido, era regrado e era aferido não por um moralismo transcendente, mas fundamentado em um conhecimento imanente do mundo e do homem (SOUZA, PEREIRA MELO, 2013, p. 7).

Durante a Idade Média onde prevaleceram as concepções filosóficas originárias do regime de cristandade, o prazer deu lugar à virtude do ponto de vista moral por estar em acordo com a razão, voltando após o renascimento com a modernidade. As discussões sobre a filosofia hedonista na antiguidade clássica serviram de base para que a filosofia do hedonismo moderno fosse elaborada.

### 3. O HEDONISMO MODERNO

Os autores que trataram do hedonismo na modernidade foram Julien Offray de La Mettrie (1709 – 1751) e Donatien Alphonse François de Sade (1740 – 1814), trataram o tema sobre a ótica psicanalítica. Posteriormente Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873), abordam o hedonismo sob uma ótica utilitarista.

Para Pulino (2005, p. 16), La Mettrie é um filósofo caracterizado “como uma incógnita, um espaço de investigação profícuo, e, especialmente um desafio, por seu pensamento excêntrico e original”, tudo isso pelo fato de que este autor tem sido pouco estudado.

La Mettrie, nasceu em Saint-Malo (França), estudou nos colégios mais prestigiados da época, tendia à carreira eclesiástica. Entre os 16 e 17 anos, dedicou-se aos estudos da Filosofia e das Ciências Naturais no Colégio de Harcourt, em Paris. Em 1727, foi aconselhado por M. Hunault a seguir carreira na medicina, no ano seguinte estuda anatomia na Universidade de Reims; em 1733 é diplomado *docteur en Médecine* (doutor em Medicina) (FRÉDÉRIC II, 1987; PULINO, 2005).

Ao se mudar para Leiden (Holanda), traduziu a obra *Essai du feu* de Boerhaave. Ao retornar para sua cidade natal atua como médico clínico, publica sua primeira obra pessoal o *Traité du vertige*. Em 1744, a publicação da obra *Saint Cosme Vengé* faz perder o posto de Cirurgião da Guarda Francesa no ano seguinte (PULINO, 2005).

Pulino (2005) sugere o ano de 1745, dentre outros acontecimentos, por publicar clandestinamente sua primeira obra filosófica, a primeira edição de *Traité de L'âme*, que incorre na imediata apreensão pela polícia francesa. Em 1746, a obra foi condenada a fogueira, a obra *L'École de la Volupté* também foi condenada, fazendo com que La Mettrie se refugiasse em Leiden, onde circulam os primeiros exemplares de *L'Homme-machine*, editado e publicado em 1747 (o editor foi condenado pelas autoridades religiosas). La Mettrie ganha a alcunha de *Monsieur Machine* (PULINO, 2005).

O ano de 1748 é marcado pelo abandono forçado da Holanda, é asilado por Frederico II, da Prússia, posteriormente em Berlim se tornará médico do rei, agraciado com o título de *lecteur* (leitor), passa a fazer parte da *Königlich-Preußische Akademie der Wissenschaften* (Academia Real de Ciências da Prússia). Em 1751, após um banquete ofertado pelo embaixador francês Tirconnel, o filósofo tem sérios problemas digestivos derivados da ingestão descontrolada de patê de faisão com trufas (PULINO, 2005). Seu testemunho biográfico mais completo é feito pelo próprio rei Frederico II, em um fragmento se nota:

M. la Mettrie mourut dans la maison de milord Tirconnel, ministre plénipotentiaire de France, auquel il avoit rendu la vie. Il semble que la maladie, connoissant à qui elle avoit à faire, ait eu l'adresse de l'attaquer d'abord au cerveau, pour le terrasser plus surement: il prit une fièvre chaude avec un délire violent: le malade fut obligé d'avoir recours à la science de ses collègues, et il n'y trouva pas la ressource qu'il avoit si souvent, et pour lui et pour le public, trouvée dans la sienne propre. Il mourut le 11 de novembre 1751, âgé de 43 ans. Il avoit épousé Louise-Charlotte Dréauno, dont il ne laissa qu'une fille, âgée de cinq ans et quelques mois. (FRÉDÉRIC II, 1987, p. 110).

Pulino (2005) registra que após a morte de La Mettrie, outras cinco obras do filósofo foram publicadas. De todas as obras de La Mettrie, as obras onde a filosofia lamettriana enfatizam o prazer e a felicidade são *L'Homme-Machine, Anti-Sénèque, ou Discours sur le Bonheur*. Seus textos sobre a ética abordam principalmente as paixões, o gozo e o prazer, não se distanciando das obras materialistas que surgira no século XVIII (PULINO, 2005)

Bocca (2018, p. 10) resumiu a tese hedonista de La Mettrie: “a vida deve ser considerada como processo mecânico (na verdade fisiológico) que envolve matéria, movimento e sensibilidade, ilustrado nos moldes de um erotismo vivido por homens-máquinas”. Gras (1983, p. 30) afirma “que o objetivo primordial da filosofia materialista de La Mettrie é a proclamação de uma ética hedonista”.

Segundo Falvey (2016), diversos outros pensadores da época tiveram contato com a tese de La Mettrie, não obtendo boas impressões acerca do materialista. Voltaire, J. B. Boyer, D'Argens, A. Morellet, Diderot, Deslile de Sales e Dupré, tecem críticas a La Mettrie, expondo o perigo de suas obras se fossem conhecidas pela sociedade, estigmatizando-o como beberão e louco. Pulino (2005, p. 38) também relata o fato:

[...] essa coletânea de críticas e interpretações de La Mettrie por parte dos filósofos do século XVIII, pode nos dar uma idéia de como La Mettrie foi recebido pelos filósofos iluministas [...] isso nos dá uma ideia do quanto ele foi um pensador solitário que, aparentemente, não se realimentava de elogios, mas ao contrário, parecia movido a rejeição.

Segundo Fernandae (2014), na teoria do homem-máquina, os sentimentos, as sensações, os pensamentos, os prazeres têm todos como fonte o corpo, a organização perfeita, sendo mais perfeito que o corpo, o cérebro, que para La Mettrie explica todas as causas que outrora se denominava de alma. De Vos (2011) afirma que o hedonismo de La Mettrie é médico e científico, isso permite ao filósofo adotar uma perversão da qual entende, levando-o a conceber um hedonismo por vias do discurso científico naturalizado.

La Mettrie diz que o homem e o animal são iguais em matérias, ambos ao nascer são dotados pela lei natural, a finalidade de suas vidas é ser feliz, pois fazer o bem e ter virtudes, lhes causam prazer (LA METTRIE, 2001; PULINO, 2005; DE VOS, 2011, BOCCA, 2018).



Porém, ocorre mudanças com o passar do tempo entre homens e animais, De Vos (2011) defende que na tese lamettriana o homem apresenta uma gama de exemplos maior na esfera da sexualidade se comparado aos animais, em *L'Homme-machine*, o autor afirma que jovens adolescentes não vislumbram os prazeres da prática da reprodução da espécie, o encantamento entre os humanos perpassa pela vergonha, enquanto nos animais a natureza os ensina rapidamente.

O médico-filósofo-materialista tece comparações entre homem e animal, deriva de que toda matéria que pensa e sente é predisposta ao prazer e à *bonheur* (felicidade), como garantia da sobrevivência há de agir moralmente e/ou conviver com seus semelhantes. Essa sobrevivência e convivência é regulada por mecanismos próprios. No caso do homem, La Mettrie (2001) cria o *homme-machine*: um ser sem alma, apenas matéria, onde o objetivo único é manter a máquina (corpo, matéria) funcionando, sobrevivendo. Para La Mettrie (2001), o combustível que move essa máquina é o prazer e a felicidade.

La Mettrie (1796; 2001) aponta a necessidade do *homme-machine* em manter o funcionamento constante da máquina; para isso aponta que é preciso experiências de prazer no aqui-e-agora, dando a ela força motriz: felicidade. La Mettrie (1796, p. 238-239) traz o fragmento de “*Anti-Sênèque, ou Discours sur le Bonheur*” que:

Nos organes sont susceptibles d'un sentiment ou d'une modification qui nous plaît et nous fait aimer la vie. Si l'impression est courte, c'est le plaisir; plus longue, c'est la volupté; permanente, on a le bonheur: c'est toujours la même sensation, qui ne diffère que par la durée et la vivacité. J'ajoute ce mot, parce qu'il n'y a point de souverain bien si exquis, que le grand plaisir de l'amour. Plus ce sentiment est durable, délicieux, flatteur, et nullement interrompu ou trouble, plus on est heureux.

Pode-se afirmar que o *plaisir* (prazer), a *volupté* (voluptuosidade) e a *bonheur* (felicidade) são as formas que agregam sentido ao corpo, em especial à *bonheur* que se enraíza no *homme-machine*. Para La Mettrie (1796), o fato de experimentar tais sensações físicas conferem ao indivíduo, graus de dependências que o tornam escravos da felicidade.

A influência de Sêneca em La Mettrie, ocorre segundo Falvey (2016), da oportunidade de que La Mettrie teve de traduzir uma obra de Sêneca, o que possibilita discordar da doutrina, inserindo suas próprias ideias em contra-oposição. Falvey (2016) expõe que na visão de Sêneca: só é feliz quem se torna livre, livre dos medos e dos prazeres, elevando sua alma à tranquilidade. Logo, se precisaria renunciar aos prazeres.

Diferentemente de Sêneca a quem La Mettrie tece suas críticas na obra *Anti-Sênèque*, o médico materialista não atrela a felicidade ao conhecimento ou à condição social, ou à virtude.

La Mettrie entende que a ética a ser seguida deve ser a ética da *bonheur*, que não é vinculada aos deveres, conseqüentemente, também se desvincula das virtudes. Enquanto Sêneca propagava que só poderia ser feliz quem obtivesse o conhecimento (FALVEY, 2016), La Mettrie afirma que a felicidade também seria possível aos pobres, aos ignorantes, aos criminosos e iletrados, para o filósofo francês “*Il se fonde ce qu’ils n’ont pas la connaissance intellectuelle du bonheur, comme si les idées metaphisiques infloient sur le bien être, et que la réflexion le fuit nécessaire* (LA METTRIE, 1796, p. 243).

Se para Sêneca o homem tem de buscar a felicidade por meio do conhecimento, La Mettrie (1796, p. 247), discorda e afirma que “*l’esprit, le savoir, la raison sont le plus solvante inutile à la félicité, et quelque fois funestes et meurtriers; ce sont ornéments étrangers don’t l’âme peut se passer*”, desta forma, aponta que a felicidade é a meta a ser alcançada pelo homem, mantendo a *bonheur*.

Para La Mettrie (2001) há homens que mesmo dotados de espírito, saber e razão, não satisfazem seus prazeres com este trabalho cansativo de pensar; a sabedoria é uma ferramenta que permite ao indivíduo prazeres diferentes da *bonheur organique*.

O que propõe La Mettrie é que o homem goze seus prazeres, não se inquietando com um prazer porvir, para o filósofo não há um Bem universal, mas *bonheur* diferentes diante das histórias de vida social e dos ambientes vividos pelos homens.

Na ética lamettriana, o *homme-machine* imbuído de *volupté*, *bonheur* e prazer ama a vida. Para Pulino (2005, p. 79) “a *bonheur* é um sentimento de amor a si, aos outros, e à sociedade, mas um amor enraizado, em última instância, na forma originária desse sentimento, o prazer físico, que é o combustível da vida”. Assim, La Mettrie (1796) ao afirmar que o *homme-machine* possui acesso à *bonheur organique*, amplia as oportunidades dos homens serem felizes na sociedade.

Sendo os homens regulados pelo prazer Pulino (2005, p. 74) afirma: “todos os homens podem ter prazer e ser felizes, naturalmente, sem terem que fazer qualquer esforço para se transformarem, para serem dignos de uma vida feliz”. Sendo homens-máquinas e animais, matérias da natureza, La Mettrie (2001, p. 82) aponta que a felicidade é compatível com a maneira como cada qual sobrevive; “*La Nature nous a tous créés uniquement pour être heureux; oui tous, depuis le ver qui rampe, jusqu’à l’Aigle que se perd dans la Nuë*”.

Donatien Alphonse François de Sade, popularmente conhecido como o Marquês de Sade (primo de La Mettrie), tem a sexualidade atrelada a sua escrita e história familiar, que por

ventura da época permitiu certa liberdade por ele vivenciada desde a infância, conhecer sua história de vida permite interpretar melhor seus escritos.

Aos quatro anos, Sade agride o Príncipe de Condé (seu primo), este motivo causou certo constrangimento ao pai de Donatien, que o enviou para viver com sua avó, as tias do marquês o tratavam com mimos exagerados, presenteando-o além de doces, com carícias, quatro de suas tias eram freiras o que não as impedia de tal fato, visto que na época pré-revolucionária, os conventos e seminários eram relativamente mundanos.

Uma nova intervenção do pai fez com que Marquês fosse viver com tio, o Abade Jacques-François-Paul-Aldonce de Sade, conhecido como “sibarita”, devido ao seu apego pelo prazer e luxúria, possuindo “estilo de vida hedonista, no qual o sexo e a satisfação sexual são prioridade e tal prioridade é refletida no seu gosto pela literatura erótica, presente em sua volumosa biblioteca” (FARIAS, THOMAS, FEIL, 2017, p. 2), dentre as obras lidas pelo infante Donatien estavam *O Livro das Posições, Vênus no Claustro, A Freira em Sua Camisola, João: o Fodedor Pervertido*, entre outros (VERDE, 2015).

Passado algum tempo seu pai o leva para Paris, onde matricula-o no *College Louis-le-Grand*, escola jesuíta referência na época, onde os prazeres da carne ocorria para recreação discente, incluindo o açoitamento, que conforme se notará posteriormente, será uma prática corriqueira para o Marquês de Sade (FARIAS, THOMAS, FEIL, 2017, p. 2).

Aos 15 anos, ingressou na academia militar, promovido rapidamente, foi enviado para guerra, após o período bélico desfruta da herança familiar com festas e orgias (VERDE, 2015; FARIAS, THOMAS, FEIL, 2017). O Marquês retorna a Paris em 1762, para se casar com Renée-Pelagie de Montreuil, a quem trai consecutivamente com diversas prostitutas (MANDEVILLE, 2001), após muitos escândalos acobertados, os crimes de “*débauché outrée*” não cessam, até que na páscoa de 1768, um novo escândalo o envolve, acusado de açoitar uma cozinheira, motivo que o levou a ser preso por quatro meses.

Recluso descobre que poderia contar com o consentimento de sua esposa para suas aventuras sexuais, em 1772, na cidade de Marselha, organiza uma festa orgiástica, que incluía seu criado Latour e quatro prostitutas. Sade foi sodomizado pelo criado enquanto açoitava ou penetrava uma das prostitutas, que consumiam cantárida (inseto considerado afrodisíaco), repercutindo em outro escândalo (VERDE, 2015; FARIAS, THOMAS e FEIL, 2017). Após fugir para a Sardenha (Itália) é preso e deportado; sua habilidade de conversar e convencer as

peessoas, o faz fugir da prisão e se refugiar no Castelo de La Coste, que posteriormente ficou conhecido como o “Laboratório do Sadismo” (VERDE, 2015).

Seu laboratório foi palco de inúmeras festas, orgias, açoitamentos, sodomizações. Em 1775, a polícia fracassou ao detê-lo, fugiu novamente para Itália, por dois anos, Sade ia e regressava ao castelo de La Coste, sempre com novas prostitutas. Em 1777, em viagem à Paris, tem a prisão orquestrada pela própria sogra.

Deixando de lado as breves estadias na prisão, o marquês teve condenações nos três regimes de governo sob os quais viveu, durante os seguintes períodos: o primeiro, de 1777 a 1790 na Monarquia Absolutista; o segundo, de 1793 a 1794 na República Jacobina; e por fim; de 1801 a 1814 no Império de Napoleão. No último encarceramento, que durou até sua morte, ele foi preso numa batida policial no escritório de seu editor; Nicolas Massé, em 6 de março de 1801. Sade tinha em mãos justamente um manuscrito da *Historie de Juliett* e um exemplar da *Nouvelle Justine* (CASTRO, 2012, p. 25).

Quem se debruça sobre as obras sadeanas, perceberá segundo Barthes (2005), que o Marquês de Sade colocou um pouco de suas obras na sua existência, ou seja, aplicou o que escrevia em sua vida. Para Airaksinen (1991, p. 119) “*Sade needs a clean slate on which to write his favorite story of the pleasure of cruelty and the pain of pleasure. On his way towards hedonism, he argues to the effect that all human practices are equally acceptable*”.

O foco central da filosofia hedonista de Sade é o prazer derivado do ato sexual. Para Barthes (2005, p. 189) “em Sade não há nenhum segredo a buscar no corpo apenas a prática a cumprir”, muitos o interpretam como pornográfico, visto que a linguagem que adota é bastante erótica, agredindo em algumas vezes o leitor, como afirma Farias, Thomas e Feil (2017) é notável a crueza do Marquês. Para Airaksinen (1991), o culto a dor sadista é uma paródia da ética hedonista.

Para Castro (2006), deve-se entender o Marquês de Sade como um libertino. Para Airaksinen (1991, p. 68), Sade aborda o prazer e a identidade pessoal como estranha e esclarecedora, o que segundo Airaksinen pode ser interpretado da seguinte forma: “*Such pleasure is without transcendence and therefore mixes value with bitterness*”.

Conforme demonstra Castro (2006, p. 88) “o caminho entre imaginação, paixão, prazer e crueldade transforma-se numa sequência lógica. Pregando uma ruptura completa com o humano”. É nesta lógica “sádica” que o Marquês separa em dois grupos os personagens de suas histórias, mas também de sua prática sexual, de um lado quem sente o prazer, do outro, quem fornece o prazer, o forte e o fraco, o libertino e a outra pessoa, objeto sexual (AIRAKSINEN, 1991).

A concepção de egoísmo, é ignorada por Sade, visto que para ele a natureza humana busca o prazer individual, todo e qualquer princípio que obrigue a respeitar o interesse do outro deve ser ignorado, sendo concebido como antinatural, para Castro (2006, p. 113):

A máxima de que o prazer de um homem deve ser sacrificado à utilidade de todos, ou de um grande número, é perniciosa e contrária à natureza. (...) Essa reflexão já basta para desativar a reserva sob a qual a moral da Ilustração proclamava o direito ao prazer e à felicidade: a exigência de que não fosse lesado o interesse do nosso semelhante. Sade radicaliza o direito à auto-realização erótica, e não aceita quaisquer limites.

Farias, Thomas e Feil (2017) relatam que os sujeitos não libertinos tinham como obrigação cumprir as ordens dos libertinos em função de suas luxúrias e gozo, visto que são apenas partes de uma engrenagem, segundo Airaksinen (1991, p. 73) “*in fact, they are pleasure machines, and have exactly the same degree of identity as any machine*”, ou seja, há de um lado o herói sádico e de outro a vítima indefesa.

Sade concebe as vítimas como mera matéria que precisa de um corpo para existir, elas são descritas por suas características particulares (beleza, idade, profissão, estado civil e classe social) e por suas propensões funcionais (tamanho do pênis, quantidade de orifícios, suas imaginações e fantasias, graus de crueldade, entre outras finalidades sexuais).

Sade (1976, p. 97) afirma que “*La supériorité est nécessaire dans l’acte de la jouissance: celui des deux qui partage, ou qui obéit, est certainement exclus du plaisir*”. Nesta concepção Sade afirma que cabe ao herói (mestre ou libertino) sentir prazer, enquanto a quem obedece é inserido no rol dos que não são dignos de sentir prazer (CASTRO, 2016).

Castro (2006, p. 117) aponta que a experiência do prazer, quando regida sobre o raciocínio lógico possibilita ao libertino uma elevada capacidade de especulação mental, “assim, o prazer só poderá ser alcançado através da completa submissão aos propósitos naturais, mesmo que estes sejam, aos olhos da sociedade, maléficos e criminosos”.

Por este motivo, Sade recomenda que tais práticas sejam feitas no isolamento, para Farias, Thomas e Feil (2017) isso diminuiria as punições ou interferência do poder externo. Os autores revelam que há uma idealização utópica de uma sociedade sadeana, onde o planejamento societário seria em função dos prazeres e da luxúria, possibilitando que atos repudiados no mundo real fossem lá louváveis. É então preciso uma ordem transgressora, uma ordem sadeana, um sistema possuidor de economia, ordenamentos, horários e classes.

Farias, Thomas e Feil (2017), relatam que a defesa de uma lógica da luxúria, feita por Sade, ocorre através da literatura obscena e transgressora, pois sua finalidade é perverter os valores da moral e da sociedade. Essa utopia sadeana, possibilitaria, que as violências fossem

repetidas ao infinito, independente do prazer, pois ocorreriam com o objetivo de sexualizar as mentes e erotizar o intelecto (CASTRO, 2006).

Destarte, o prazer é o objeto de reflexão, não havendo espaço para sentimentos, mas sim para um cálculo quantitativo, onde o prazer físico é uma ferramenta de alcance para o prazer intelectual – objetivo maior do libertino sadeano. Na matemática sadeana, a quantidade é superior à qualidade. Airaksinen (1991, p. 80) afirma que “*Sade is not an Epicurean hedonist. An Epicurean hedonist maintains that pleasure is an actual, experiential, feeling-quality in real time. Pleasure has its magnitude, its opposites, and is also summative*”, nessa concepção os libertinos de Sade refutam esse ideal, visando apenas o prazer presente, o que garante uma metafísica do materialismo, do ateísmo e da subversão.

De posse dos escritos de Sade, a busca por um prazer libertino de grau elevado é dita por Castro (2006), enquanto Airaksinen (1991) diz que a noção hedônica de Sade é pouco convincente para um ideal motivacional, sendo o grande problema hedonista, já que a dor pode agradar um sadomasoquista e ser repugnante para outro.

#### 4. O HEDONISMO UTILITARISTA

Jeremy Bentham, fundador do utilitarismo, apresenta uma vertente ao hedonismo ético altruísta e agregativo. Os princípios do hedonismo de Bentham têm suas primeiras discussões em 1776, na obra *Fragment on Government* onde traz a expressão “a maior felicidade do maior número”.

Bentham parece ter em mente, em essência, é o seguinte: quando sua ação apenas lhe afeta, aja de modo a promover seu próprio interesse, quando afeta outros, aja de modo a levar os interesses desses em consideração e, quando não for capaz de promovê-los integralmente, promova os de quantos puder e esteja preparado para sacrificar a si mesmo pelo bem maior (BRAGA, 2018, p. 45).

Essa filosofia mais radicalizada de Bentham, é apresentada através do entendimento de que prazer e dor não são apenas princípios explicativos da conduta humana, mas são normativos por serem objetos de uma norma eficiente de conduta.

A natureza colocou o gênero humano sob o domínio de dois senhores soberanos: a dor e o prazer. Somente a eles compete apontar o que devemos fazer, bem como determinar o que na realidade faremos. Ao trono desses dois senhores está vinculada, por uma parte, a norma que distingue o que é reto do que é errado, e, por outra, a cadeia das causas e dos efeitos (BENTHAM, 1984, p. 3).

Assim, como os teóricos do hedonismo antigo, Bentham compreende que a finalidade da vida humana é a maximização do prazer, por conseguinte a minimização da dor. De modo que ambos são reguladores do comportamento consciente ou inconsciente. O princípio utilitarista defendido por Jeremy Bentham, aplicado ao hedonismo, necessita de um cálculo empírico que atribua valores aos prazeres.

Por princípio de utilidade entende-se aquele princípio que aprova ou desaprova qualquer ação, segundo a tendência que tem a aumentar ou diminuir a felicidade da pessoa cujo interesse está em jogo, ou, o que é a mesma coisa em outros termos, segundo a tendência a promover ou a comprometer a referida felicidade (BENTHAM, 1984, p. 4).

Desta forma, se obtém o *felicific calculus*, também conhecido como cálculo utilitarista ou cálculo hedonista. Consiste em um método que considera apenas os aspectos quantitativos de prazer e dor, sendo: intensidade, duração, certeza ou incerteza, proximidade ou afastamento, fecundidade, pureza e extensão (BRAGA, 2018). Logo, há um hedonismo motivacional defendido por Bentham, dado que o filósofo adota um posicionamento psicológico ao adotar o *felicific calculus* para mensurar valor aos prazeres.

Por não concordar com a quantificação dos prazeres, John Stuart Mill faz a defesa de que estes aspectos são qualitativos, o que passou a ser identificado como uma corrente filosófica. O hedonismo qualitativo de Stuart Mill é “um dos tópicos mais estudados da história da ética. Trata-se de um assunto cuja bibliografia é simplesmente incomensurável. Ainda hoje o hedonismo proposto pelo filósofo britânico se mantém em alta” (BRAGA, 2018, p. 21).

Segundo Braga (2018), o diferencial do hedonismo proposto por Stuart Mill consiste na defesa da maior elevação intelectual, apresentando o hedonismo como algo menos delicado de se tratar. Essa defesa atrai adeptos da teoria, pois o pensamento alavanca os debates filosóficos atuais, consagrando Stuart Mill como um dos filósofos mais estudados em países de língua inglesa.

As objeções do método quantitativo de Bentham levou a objeções de Thomas Carlyle, que, fez Stuart Mill apresentar uma “tentativa de oferecer uma razão mais forte para justificar a superioridade absoluta dos prazeres intelectuais” (BRAGA, 2018, p. 18), com isso Stuart Mill acaba introduzindo no bojo filosófico o hedonismo qualitativo.

A sustentação de Stuart Mill para o hedonismo consiste que a vida humana tem mais valor que a vida dos animais, afirmando desta arte, que os prazeres intelectuais são mais valiosos que aos prazeres do corpo em todas as circunstâncias. Assim, Stuart Mill ranqueia os prazeres através da observância da qualidade deles (BRAGA, 2018).

De dois prazeres, se houver um ao qual todos, ou quase todos aqueles que tiveram a experiência de ambos derem uma preferência decidida, independentemente de sentirem qualquer obrigação moral para o preferir, então será esse o prazer mais desejável. Se um dos dois for colocado, por aqueles que estão competentemente familiarizados com ambos, tão acima do outro que eles o preferem mesmo sabendo que é acompanhado de um maior descontentamento, e se não abdicariam dele por qualquer quantidade do outro prazer acessível à sua natureza, então teremos razão para atribuir ao deleite preferido uma superioridade em qualidade que ultrapassa de tal modo a quantidade que esta se torna, por comparação, pouco importante (STUART MILL, 2005, p. 50).

A defesa hedônica feita por Stuart Mill, nada mais é do que uma forma de superar a objeção perfeccionista contra o hedonismo de Bentham, cujo objetivo consiste em demonstrar que o método qualitativo é uma alternativa. Para Stuart Mill, os prazeres e a felicidade podem ser encontradas na fruição de sensações diferentes, atribuindo prazeres nobres as amizades, à honestidade e ao amor.

## 5. O HEDONISMO PÓS-MODERNO EM MICHEL ONFRAY

A trajetória epistemológica de Michel Onfray está relacionada a sua experiência vivida, pois como atenta Oliveira (2015) e Lucheta (2010), está assente no fato que a escrita deste filósofo surge a partir de suas dores, Onfray descreve-as para que os leitores compreendam as ideias do filósofo através dos relatos autobiográficos.

Michel Onfray nasceu em 1 de janeiro de 1959, em Argentan (França), posteriormente morou em Chambois. Em *A Potência de Existir*, Onfray (2010) relata que a sua mãe quando criança foi abandonada à porta de uma igreja, segue Onfray relatando que não conhecedora dos métodos educacionais, encaminhou o próprio filho aos dez anos em um orfanato de padres salesianos, fato este que era incompreendido pelo filósofo.

Michel Onfray ingressou no orfanato de Giel, em setembro de 1969, sob o número 490 em suas peças de roupas, a numeração que inicialmente o deixou temeroso, tornar-se-ia uma lembrança prazerosa, visto que a identificação servia “para a lavanderia (que) oferece um oásis de limpeza, de aromas suaves - de infância preservada” (ONFRAY, 2010, p. XX).

Onfray (2020, p. XX) relata integrar o grupo dos sub-homens do orfanato, junto “dos intelectuais, dos bobocas do curso clássico, dos meninhas, dos mulherzinhas recitando suas



declinações latinas os célebres intelectuais de virilidade duvidosa”, eram menosprezados pelos padres e também, pelos pais que “compartilham a ideia de que um intelectual não serve para grande coisa, para não dizer para nada”.

Desde o orfanato de Giel, Onfray tem seus prazeres regulados, ele descreve a regulação do corpo limpo, do descanso, do sossego, da culinária, do conhecimento, todos de alguma forma regulados pelos padres salesianos; acrescido de agressões e carícias sexuais. Onfray (2010) encontrou nos fracassos existenciais dos padres do orfanato de Giel a matéria que precisava para fortalecer seus juízos ateísticos. É graças a essa experiência vivida junto aos padres salesianos que Onfray encontrou a filosofia e a arte, através dos livros e da música, constituindo sua “potência de existir”.

Aos quatorze anos, Onfray foi para uma escola técnica onde imperava a mesma lógica salesiana, a pedofilia era prática dos padres, o prédio compactuava com o terror reproduzindo um projeto carcerário; Onfray foi instruído no trabalho manual/braçal, visto que os salesianos repudiavam o intelecto; repudiavam também o corpo limpo, o banho é um prazer inexistente, bem como o prazer de comer (ONFRAY, 2010; 1999).

Sobre ser um ser rebelde e insubmisso, Onfray (2002) revela na obra *A Política do Rebelde*, que aos 16 anos, se opôs às ordens do contramestre em seu primeiro emprego. Aos 20 anos, Onfray inicia estágio como jornalista na equipe editorial do *d'Argentan d'Ouest-France*, o salário de três anos que atuou no jornal financiou seus estudos. Aos 24 anos iniciou na carreira docente no Liceu privado na cidade de Caen, aos 27 anos conclui o Doutorado em Filosofia na Sorbonne, sob orientação de Simone Goyard-Fabre, sua tese é intitulada *Les implications éthiques et politiques des pensées négatives de Schopenhauer à Spengler*.

Aos 28 anos Onfray teve um infarto, fato que voltou a regrá-lo; a filosofia hedonista que vivenciava no quesito alimentar passou a ser policiada por uma nutricionista, a quem logo o autor tratou de dar lições de hedonismo, para se auto beneficiar. O infarto, aproximou Onfray (2010) da naturalidade morte, desejando a morte em detrimento da dor; presenciou no hospital cenas que o deixou convicto de que a morte é um simples acontecimento.

Depois daquela lição de trevas, restava fazer do corpo um parceiro da consciência, reconciliar a carne e a inteligência. Toda existência é construída sobre areia, a morte é a única certeza que temos. Trata-se menos de dominá-la do que desprezá-la. O hedonismo é a arte desse desprezo (ONFRAY, 2010, p. 21).

Em 1991, o filósofo ingressa no corpo editorial de *La Règle du jeu*, recebeu o prêmio *Médicis* pelo ensaio *La Sculpture de soi*; se desliga do corpo editorial após sete anos, frisando

não ter orgulho deste período. Em 1995, começa a fazer aparições na mídia francesa. Em 1998, ingressa na editora Grasset, onde coordena a coleção *La Grande Raison*, encarregando-se de traduzir jovens autores da filosofia europeia contemporânea, permanecendo até o ano de 2003 (CHEVASSUS-AU-LOUIS, 2015).

Neste período, de 1983 a 2002, leciona em Caen, abandonando o serviço público por acreditar que a produção de um filósofo não compatibilizava com a de professor universitário; o que leva a criar a *l'Université Populaire de Caen*, fornecendo ao povo uma educação filosófica com foco em *analyser, penser, réfléchir* (analisar, pensar, refletir).

De 2008 a 2010, Onfray passa a publicar na coluna satírica *Siné Hebdo*. Recebe em 2017 o prêmio François Morellet, em comemoração à *Journées Nationales du Livre et du Vin* (CHÂTEAU DE MONTSOREAU, 2020). Em 27 de janeiro de 2018, é acometido por um Acidente Vascular Cerebral, que não afeta sua capacidade cognitiva (LE HUFFINGTON POST, 2018). Após se envolver em um imbróglio com o presidente francês, Emmanuel Macron, suas conferências transmitidas pela *France Culture* são canceladas, sofre censura e se desvincula da *l'Université Populaire de Caen* (FEERTCHAK, 2018). Em 2020, publica *Grandeur du petit peuple* (ONFRAY, 2020), que aborda a revolução dos coletes amarelos.

Ao analisar o prazer pela perspectiva onfrayreana, duas obras se destacam: *A arte de ter prazer – Por um materialismo hedonista* e *A potência de existir – Manifesto hedonista*; entretanto, outras produções de Onfray oferecem complementos ao entendimento do materialismo hedonista de Michel Onfray. Segundo Onfray (2010, p. 19), “nunca como hoje uma filosofia existencial do corpo teve tanta urgência”, e o filósofo ao afirmar essa necessidade, propõe suas ideias como alternativa, ou seja, “uma filosofia utilitarista e pragmática” (p. 25) que “converge para um ponto focal: o hedonismo” (p. 27).

Para Costa (2010), o materialismo ocupa importância preeminente no hedonismo onfrayreano, propondo o uso da razão como meio para entender as mazelas e privações causadas pela consciência de morte. Costa (2010) entende que o prazer defendido por Onfray é carregado de preconceitos, pré-conceitos e culpas, que impedem as pessoas na contemporaneidade de legitimar este direito que é proposto pelo filósofo. Onfray (1999) concebe o hedonismo como a arte do desprezo.

O hedonismo é uma gargalhada, um *parti pris* jovial, alegre em meio a austeridade geral: Aristipo contra Platão, ou cirenaicos contra os epicuristas, Simão o mago contra Agostinho o santo, gnósticos contra os Padres da Igreja (ONFRAY, 1999, p. 252).

É preciso entender holisticamente o pensamento filosófico, para posteriormente se desmarginalizar a imanência, pois ocorre uma vangloriação dos ascéticos, que propagam um desprezo pelo corpo em favor da sabedoria.

De um lado, Leucipo, Demócrito, Aristipo, Diógenes, Epicuro, Lucrecio, Horácio, etc – aquele que esta obra reúne pela primeira vez as grandes figuras –, do outro, como contemporâneos exatos Pitágoras, Parmênides, Cleanto, Crisipo, Platão, Marco Aurélio, Sêneca (ONFRAY, 2008, p. 31).

Segundo Lampe (2015, p. 2) “a origem do hedonismo filosófico - geralmente vem acompanhada de agendas explicativas e críticas trans-históricas”, tais críticas são apontadas por Onfray em decorrência do surgimento do cristianismo, houve um descarte das filosofias hedonistas antigas (pensadores abordados no subcapítulo 1), fazendo prevalecer a dualidade religiosa: o corpo como vilão, a alma como salvação.

Sobre esse tema da dominação idealista na historiografia clássica a história e efetua numerosas variações. Assim, o cristianismo, que se tornou religião e filosofia ocidental, afasta o que incomoda sua linhagem – o materialismo abderita, o atomismo de Leucipo e Demócrito, Epicuro e os epicurismo os gregos e romanos tardios, o nominalismo cínico, o hedonismo cirenaico, o perspectivismo e o relativismo sofista – e privilegia o que pode passar por propedêutica à nova religião: o dualismo, a alma imaterial, a reencarnação, a desconsideração do corpo, ou ódio a vida, o gosto pelo ideal ascético, a salvação ou a danação post-mortem dos pitagóricos e platônicos convém às mil maravilhas (ONFRAY, 2010, p. 07).

Desta maneira, conforme apontam Mata (2007), Costa (2010) e Oliveira (2015), é preciso desvencilhar-se das amarras que o cristianismo propõe para ser possível inclusive compreender a filosofia materialista de Onfray. O que por conseguinte, recomenda Onfray, romper com os dogmas religiosos para compreender o materialismo hedonista.

A liberdade proposta por Onfray só é possível sem a existência da religião, pois segundo o filósofo o cristianismo, o judaísmo, o islã, são religiões que inibem a autonomia do homem, por isto o autor vive uma vida atea, que o possibilita escolher o próprio destino, neste entendimento somente o ateu é livre.

Para construir suas argumentações acerca do seu ateísmo, o autor recorreu a uma análise minuciosa dos livros sagrados cujas contradições foram exaltadas pelo mesmo, o que contribuiu para sua “fama”, e lhe rendeu muitas críticas (OLIVEIRA, 2015, p. 52).

Onfray sugere que se conheça as obras dos autores que ele descreve como marginalizados, relegados ao esquecimento da filosofia, mencionando La Mettrie e Marquês de Sade, que contribuem para a formulação de seu materialismo onfrayreano.

O hedonismo onfrayreano, propaga que a vontade dos prazeres não deve causar mal a nenhuma pessoa, uma moral deve persistir, nesta lógica, o desejo do prazer dos prazeres devem

ser mútuos, compartilhados, com finalidade de atender as pessoas para algo bom. A filosofia hedonista de Onfray (2010, p. 55) presume a busca pelo prazer evitando, contudo, o desprazer: “o bem absoluto coincide com o prazer definido pela ausência de distúrbios, a serenidade adquirida, conquistada e mantida, a tranquilidade da alma e do espírito”.

Tal como Marquês de Sade e Jeremy Bentham que realizam cálculos de prazer, a fórmula onfrayreana é inspirada no que aponta no modelo epicurista, de que não se deve aderir aos prazeres no momento presente se futuramente o resultado do cálculo for um desprazer deve ser recusado.

O hedonismo supõe portanto um cálculo permanente a fim de abranger, numa situação dada, os prazeres esperados, mas também os desprazeres possíveis. Façamos a lista do que pode ocorrer de regozijante ou aborrecido, de prazenteiro ou desagradável, depois julgemos, pesemos, calculemos, antes de agir (ONFRAY, 2010, p. 54).

Há na moral de Onfray uma relação entre os indivíduos, uma sociedade de direito, o próprio prazer não pode interferir no desprazer do outro. Se o prazer do outro constitui o meu prazer, ele se justifica; se o meu prazer não constitui o prazer do próximo, não se justifica.

Toda aritmética dos prazeres obriga a uma preocupação com o outro – a definição do núcleo duro de toda moral. Aos olhos dos seus adversários, o hedonismo passa por ser sintoma da indigência da nossa época: individualismo, dizem – confundindo porém com o egoísmo: o primeiro afirma que só existem indivíduos; o segundo, que só há ele –, autismo, defesa do consumidor, narcisismo, indiferença para com os males alheios e da humanidade inteira. Na verdade o hedonismo defende exatamente o inverso. O prazer nunca se justifica se custar o desprazer do outro (ONFRAY, 2010, p. 55).

Para Onfray (2010, p. 56), há uma necessidade de polidez no campo ético do hedonismo, pois “o cálculo hedonista supõe, como o cálculo mental, uma prática regular capaz de gerar a velocidade necessária. Quanto menos se pratica a polidez, mais ela se torna difícil de aplicar”.

Por se autoidentificar como um “libertino emblemático”, percebeu que o discurso que fazia acerca do prazer, suas práticas paralisavam ou causavam histeria. Porém, o filósofo mantém suas convicções por mais de trinta de livros; sua causa filosófica é a do pensamento totalizante. O filósofo faz a defesa de um pensamento forte, sólido, estruturado, coerente e procura analisar holisticamente os saberes possíveis.

Na carne, distingue um sistema nervoso: é corpo; um influxo: ainda é corpo; pensamento: continua sendo corpo. O mundo é apenas uma coleção das miríades de modificações incorporadas pela matéria. Não há ideias, não há espírito, não há substâncias e materiais. Tudo o que existe obedece as leis naturais que regem a matéria (ONFRAY, 1999, p. 273).

Como dito anteriormente, no hedonismo onfrayreano é preciso o uso da razão, posto que é ela quem produz ordem, enquanto o corpo produz matéria. Sendo tudo corpo,

consequentemente tudo é matéria, tal como afirmava La Mettrie no *L'Homme-Machine*. Para Onfray (1999) a filosofia caracteriza-se como uma confissão corporal, onde a matéria quem usufrui dos prazeres, sendo a “alma” algo alheio aos prazeres. Para Lampe (2015, p. 195) “*In other words, he advocates directing self-awareness toward bodily experience, which must become the touchstone for beliefs about what is good and bad. This too is labeled ‘hedonism’*”

Onfray percorreu um longo caminho para compilar os estudos do prazer, em suas obras, apresenta citações a diversos teóricos que corroboram com a sua filosofia, alguns serviram como um contraste do pensamento que repudia, outros serviram como apoio para sua tese. Costa (2010) traz que dentre os teóricos encontram-se: Nietzsche, Sócrates, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, René Descartes, Gilles Deleuze, Henry Bergson, Mikail Bakunin, – e também aqueles que neste estudo foram elucidados - Aristipo de Cirene, Epicuro, La Mettrie e Marquês de Sade.

Desta forma, ter contato com as obras de Michel Onfray possibilita uma perspectiva de diversos outros teóricos; como se nota há quem defenda o prazer e quem repudie, há quem sugere a prudência e quem sugere o excesso. Onfray contribui para a propagação do pensamento hedonista, não apenas por presumir que o prazer é algo imprescindível; Onfray instrui a estilizar seu “*behavior, actions, and conduct’ through minute attention to the ‘flashes of brilliance’ and ‘vital potentialities of the body’*” (LAMPE, 2015, p.196).

O corpo como algo ruim, pecaminoso, fonte de repúdios é abominado por Onfray (1991; 1999), que prega justamente o inverso, enfatizando que o corpo é necessário para o prazer. Não deixa dúvidas quanto à necessidade de uma matéria que seja fonte de prazer, que armazene prazer, que produza prazeres. A lógica onfrayreana por ser materialista carece do corpo, Onfray apoia-se em outros hedonistas para difundir seu posicionamento.

Deleuze escreve: "Eu *devo* ter um corpo, é uma necessidade moral, uma 'exigência'. [...] Não há obscuridade em nós porque temos um corpo, mas devemos ter um corpo porque há obscuridade em nós"<sup>2</sup>. A carne como exigência da obscuridade, a matéria como tributo à parte maldita (ONFRAY, 1999, p. 95).

Para Michel Onfray, inspirado no *homme-machine*, também compartilha que o prazer deve ser uma motivação para a vida, se antes o hedonismo era uma questão singular, e permitida a apenas parte das pessoas, Onfray não concorda com essa exclusividade e conclama a todos a viver uma vida hedônica.

Se alguém dispõe de uma compleição adaptada ao gozo, de uma máquina de gozar especialmente eficaz, que faça seu corpo funcionar dentro dessa óptica e que nada o

---

<sup>2</sup> DELEUZE, Gilles. **Le pli Leibniz et le baroque**. Paris: Éditions de Minuit, 1988 (p. 113).

detenha. A vontade do gozo deve ser total e o princípio de prazer deve abrir o caminho, a despeito do princípio de realidade e contra ele (ONFRAY, 1999, p. 289).

Assim, pode-se resumir Onfray como um filósofo que pregou o hedonismo saudável, onde as liberdades individuais não interfiram nas liberdades de outros sujeitos, o bom hedonista é aquele que satisfaz seus desejos atrelando às vontades do corpo e da mente.

A culinária tem um papel especial nos prazeres corporais, bem como os apetites sexuais, a contemplação da música, dos quadros, da natureza; para Onfray, o prazer está num bom prato de comida, na cama confortável, no riso com os amigos, no relaxamento de um banho quente; o prazer é para viver a sua maneira.

Acredita o filósofo que a liberdade para os prazeres deve ser uma máxima, pois desta forma, todos teriam acesso à filosofia hedonista, permitindo que mais pessoas gozem o que a vida oferece. Conforme se percebe nas obras e vida de Michel Onfray, ele compreendeu as diversas filosofias hedonistas conhecidas, no Quadro 1 pode-se perceber as diferenças e semelhanças de sua filosofia com as dos demais filósofos mencionados neste capítulo.

QUADRO 1 – DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE O HEDONISMO DE ONFRAY E OUTROS FILÓSOFOS

<b>Michel Onfray</b>	<b>Diferencia-se totalmente ou em partes de</b>	<b>Assemelha-se totalmente ou em partes à</b>
Materialismo Ateísta	Aristipo, Epicuro	La Mettrie, Sade
O corpo fornece os instrumentos do hedonismo.	Epicuro	Aristipo, La Mettrie, Sade
A sexualidade obedece ao princípio de prazer.	Epicuro	Aristipo, La Mettrie, Sade
Contra o Estado, a pátria ou a religião.	Epicuro, Bentham	Aristipo, La Mettrie, Sade
A devassidão liberta mais do que a ascese.	Epicuro, Stuart Mill	Cálicles, Aristipo, Sade, Bentham
O caráter efêmero constitui o valor do hedonismo.	Epicuro	Aristipo, La Mettrie, Sade
Em matéria de sexualidade, todas as fantasias são autorizadas e permitidas.	-	La Mettrie, Sade
Todos os prazeres, desde que não sejam prejudiciais e desagradáveis para os outros, tem sua permissão social.	Aristipo, Sade	Epicuro, La Mettrie, Bentham, Stuart Mill
Quer o prazer do outro tanto quanto quer o próprio.	Sade	La Mettrie, Bentham, Stuart Mill
Todo cálculo dos prazeres obriga a uma preocupação com o outro.	Aristipo, Sade	Platão, Epicuro, La Mettrie, Bentham, Stuart Mill
Há prazeres do amor e da amizade.	Sade	Platão, Epicuro, Aristóteles, La Mettrie,
Há prazeres que são mais gratificantes que outros.	Aristipo	Epicuro, La Mettrie, Stuart Mill
Há quantificação de prazer de forma irrestrita é prejudicial.	Aristipo, Sade, Bentham	Epicuro, La Mettrie, Stuart Mill
Defende que a felicidade é sinônimo de uma vida prazerosa.	-	Protágoras, Sócrates, Epicuro, La Mettrie, Stuart Mill

FONTE: O autor (2021).

## 6. ANÁLISE DAS FILOSOFIAS HEDONISTAS

Conforme demonstrado neste ensaio teórico, a filosofia hedonista não foi negligenciada com o passar dos anos, se em 490 a.C. a discussão permeava o conceito de prazer e coisas boas, ele permaneceu até os dias atuais, fazendo com que os pensadores mais atuais utilizassem dos escritos mais antigos aprimorando o conceito de hedônico. A Figura 1 auxilia na análise das filosofias hedonistas, pois direciona os filósofos aqui elucidados às respectivas fontes de prazer, direciona também para entender se o prazer é concebido como quantitativo ou qualitativo.

Quando Protágoras dialogava com Sócrates o que seria uma via prazerosa, conceituavam que seria aquela que fornecesse algo belo, bom e útil. O conceito de bem-estar mencionado naquela época serviu para que Jeremy Bentham e Stuart Mill, no século XIX aprofundassem a teoria de que buscava ofertar a maior felicidade ao maior número de pessoas.

Os apontamentos de Sócrates de que o sujeito quanto mais tivesse mais desejaria, possibilita traçar relação com o consumismo criticado por Onfray, de modo igual à ideia de que a pessoa pode vir a se tornar escrava do prazer, como o que ocorreu no século XVIII com o Marquês de Sade, que se tornou dependente da prática sexual.

A temperança mencionada por Cálicles, que fora elogiada por Sócrates, ganha força na ética hedonista de La Mettrie, que apontava que o corpo apesar de ser uma máquina perfeita, não era mais perfeita que o cérebro, assim os primeiros pensamentos de Cálicles se assemelham ao de La Mettrie, pois ambos traçam os que há prazeres bons e ruins, mas que somente o bem e a virtude levariam a um prazer duradouro. Quando Cálicles radicaliza sua teoria no século IV a. C. passa a se assemelhar ao Marquês de Sade.

Como se pode perceber os escritos do período clássico, que não são considerados doutrinas hedonistas repercutem nos pensamentos modernos. Desta forma, os pensadores pós-socráticos têm maior peso entre os filósofos que adotam a teoria hedonista.

Ainda que Aristipo de Cirene e Epicuro de Samos possuam pensamentos diferentes sobre o hedonismo, ambos pensadores colaboram para a reformulação desta filosofia, principalmente na obra de Michel Onfray, que ao defender o materialismo hedonista e posteriormente publicar um manifesto hedonista, faz um aprofundamento em diversas obras. É perceptível que Onfray não segue a ideia epicurista.

Porém, as ideias epicuristas vigoravam no período em que La Mettrie, escreve *L'Homme-Machine*, os franceses viviam as renúncias dos prazeres, como relatou La Mettrie e depois Sade. Este inclusive representa um pensador que vai contra alguns dos ideais de seus antepassados hedonistas, percebia na dor uma categoria do hedonismo; enquanto muitos repudiavam a dor, Sade a incluía nas suas práticas, sua lógica da luxúria via no extremo o meio para alcançar o máximo de prazer.

Certamente no *felicific calculus* de Bentham, as dores vangloriadas por Sade reduziriam a quantidade de prazer, visto que o cálculo hedonista tomava como base a quantidade de prazeres e de dores, devendo ser os prazeres sempre maiores. Stuart Mill, que sucede Bentham entende que a qualidade do prazer deve ser calculada. Para Stuart Mill, os prazeres intelectuais são maiores que os prazeres do corpo, de certa forma há semelhanças com o que afirmava Sêneca, que foi amplamente criticado por La Mettrie.

Onfray ocupa aqui um lugar privilegiado entre os pensadores do hedonismo, este filósofo vivencia seus pensamentos e escritos, prega um materialismo hedonista, tal como vislumbrava Bentham, que mais pessoas possam gozar de uma boa vida. Onfray por ter acesso às obras dos demais pensadores pôde elaborar uma filosofia coletando o melhor de cada uma delas e propor uma “filosofia utilitarista e pragmática”.

Onfray, o mais contemporâneo dos filósofos aqui adotados, vive o ascetismo, foi cerceado dos prazeres quando jovem, tal como La Mettrie uma experiência de quase morte levou-o a modificar seus hábitos e adotar preceitos cirenaicos. Comum a todos os pensadores residem o fato de que o prazer é essencial para uma vida feliz.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A exposição das diferentes correntes filosóficas sobre o hedonismo revela que a essência do pensamento não se perdeu ao longo do tempo, a saber, a satisfação do prazer. A realização de atividades prazerosas parecem ter sido norteadoras da sociedade em diferentes épocas. A concepção de prazer se modifica conforme a perspectiva dos filósofos em foco, sendo ora defendido para qualidade do prazer, em outra, pela quantificação dos prazeres.

Na pós-modernidade, o prazer e a satisfação encontram meios variáveis de serem vividos. Pode-se afirmar que a concepção das vivências prazerosas se aproxima mais com o



ideal hedonista proposto por Michel Onfray, uma vez que seu pensamento e teoria reflete as práticas sociais e culturais típicas desse momento.

Dado o momento histórico em que este ensaio é produzido, é preciso relacioná-lo com o período pandêmico existente, ocasionado pela COVID-19, abreviação de *CO*rona *VI*rus *D*isease (Doença do Coronavírus) e 19 se refere ao ano em que os primeiros casos em Wuhan, na China foram divulgados.

O auto-isolamento e as limitações impostas à liberdade de movimento à luz da COVID-19, resultou segundo Usher, Bhullar e Jackson (2020) na maior ocorrência de ansiedade e estresse da população. A pandemia implantou regramentos sociais que inibiram – de certo modo – a vivência dos prazeres ao nível global. Atividades que oportunizam os prazeres dos indivíduos, como o consumo de álcool, socialização ou relaxamento em bares, ou casas noturnas foram impelidos no mundo todo.

O distanciamento social cotejou que a prática sexual ocorresse apenas entre aqueles que coabitassem. Em locais onde o *lockdown* restringiu com maior ênfase a circulação das pessoas, as relações sexuais que em locais destinados exclusivamente a prática (como saunas ou prostíbulo) ficou severamente prejudicada. Michel Onfray cita em diversos momentos que o prazer advindo do sexo é extremamente válido quando respeitoso, em comum acordo, não importante se hétero ou homossexual, se em dupla ou trio ou mais pessoas.

Para além do sexo, do entretenimento, da contemplação e do cuidado com o corpo, Onfray (1990) pondera a gastronomia como uma das fontes de prazer, possuindo um lugar privilegiado na ordem hedonista, em especial as comidas simples e aquelas bem preparadas, elaboradas a partir de uma alquimia gastronômica. Parcialmente esta fonte de prazer também foi impactada pela pandemia da COVID-19, uma vez que os bares e restaurantes passaram a funcionar em regime de *delivery*, o hábito de frequentar espaços gastronômicos envolve a socialização, em algumas ocasiões antecede ou precede atividade de lazer.

Frequentar ambientes culturais, representa mais uma dimensão hedonista impactadas, a exemplo os museus, teatros, cinemas, galerias, e até mesmo becos e espaços com predominância de grafites foram desmotivados em tempos pandêmicos, desta forma os prazeres advindos das artes são apontados por Onfray como sublimes.

A atividade turística também pode ser entendida como uma fonte de prazer, logo, uma prática hedonista, o turismo é um fenômeno que propicia uma série de prazeres, as motivações podem ser diversas, o que confere perfis de turistas diferentes, o turismo é apontado por

relatórios de organismos internacionais como a atividade econômica mais afetada pela pandemia. Desta forma, é imperativo registrar que viajar é uma das formas que os sujeitos encontram de proporcionar prazeres hedonistas, atrelando diversas atividades à prática turística, o que intensifica seu gozo. Em suma, viajar a lazer proporciona prazer, viajar a lazer é uma prática hedonista.

Pode-se afirmar que na concepção de Onfray, cuidar do corpo, do bem-estar, é produzir prazeres a si mesmo, é possibilitar que a vida seja satisfatória, seja agraciada com prazeres, então cuidar da saúde é fazer do corpo uma máquina em plena produção e vivência de prazeres. Pois, conforme afirmara Onfray e La Mettrie só é possível sentir prazeres em vida, e a experiência de quase morte de ambos os filósofos trouxeram essa constatação.

Desta forma, parte da população mundial tem buscado novas formas de ter prazer, como a leitura de livros, o contato com os familiares mais íntimos, desenvolvido ou aprimorado dons artísticos relacionados à pintura, músicas, artes manuais e outros. A internet oferta uma variedade de distrações com intuito de amenizar o impacto da pandemia, como passeios virtuais em museus ou centros urbanos, games online, plataformas de *streaming* com músicas, filmes e séries.

A restrição de prazeres efêmeros se julga necessário em prol de um prazer mais longínquo como a vida. Após a morte, ainda não se confirmou a existência de prazeres. É de se cogitar o surgimento de uma nova corrente filosófica do hedonismo após o período pandêmico, mantendo sua essência filosófica: o prazer. Em suma, a humanidade é refém das sensações de prazer, em qualquer momento da história humana todos buscam em níveis diferentes saciar suas vontades.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AGGIO, J. O. *Prazer e desejo em Aristóteles*. Salvador: EDUFBA, 2017.

AIRAKSINEN, T. *The Philosophy of the Marquis de Sade*. London and New York: Routledge, 1991.

BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loyola*. 1. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2005.

BENTHAM, J. *Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BFM TV. *Michel Onfray: "Vous avez la possibilité aujourd'hui d'être raciste, homophobe, antisémite si vous le faites au nom du Coran"*. Paris, BFM TV, 12 de jan. 2020. Disponível em: <https://www.bfmtv.com/societe/michel-onfray-vous-avez-la-possibilite-aujourd-hui-d-etre-raciste-homophobe-antisemite-si-vous-le-faites-au-nom-du-coran-1839647.html#content/contribution/edit>. Acesso em: 17 de jan. 2020.

BOCCA, F. V. *Do estado à orgia: ensaio sobre o fim do mundo*. Curitiba: CRV, 2016.

BRAGA, B. B. *O hedonismo qualitativo de J. S. Mill* [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

CASTRO, C. C. *O sistema filosófico do Marquês de Sade*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. 207 fls. 2006.

CASTRO, C. C. *Os libertinos de Juliette e a libertina de Sade*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 378 fls. 2012.

CHÂTEAU DE MONTSOREAU. Musée d'Art Contemporain. *Prix François Morellet*. Disponível em: [www.chateau-montsoreau.com/wordpress/fr/prix-francois-morellet/](http://www.chateau-montsoreau.com/wordpress/fr/prix-francois-morellet/). Acesso em: 17 de jan. 2020.

CHEVASSUS-AU-LOUIS, N. *La petite usine de Michel Onfray*. Mediapart, 2015. Disponível em: <https://www.mediapart.fr/journal/culture-idees/110615/la-petite-usine-de-michel-onfray>. Acesso em: 17 de jan. 2020.

COSTA, A. L. F. *Ateísmo e Materialismo hedonista – Um balanço crítico da ateologia de Michel Onfray*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas. Universidade de Brasília. 123fls. 2010.

CRESWELL, J. W. *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

DE VOS, J. From La Mettrie's voluptuous machine man to the perverse core of psychology. *Theory & Psychology*, v. 21, n. 1, p. 67-85, 2011.

FALVEY, J. F. *Critical*. In. LA METTRIE, J. O. *Discours sur le Bonheur*. Oxford: Voltaire Foundation, 2016.

FARIAS, J. H. C.; THOMAS, L. F.; FEIL, G. S. A Escritura Sadiana: Marquês de Sade sob a perspectiva de Roland Barthes. In. *Anais. XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*. Caxias do Sul. 2017.

FEERTCHACK, A. *Privé de France Culture, Michel Onfray arrête l'Université populaire de Caen*. LEFIGARO, 28 de set. 2018. Disponível em: <https://www.lefigaro.fr/actualite-france/2018/09/28/01016-20180928ARTFIG00356-privé-de-france-culture-michel-onfray-arrete-l-universite-populaire-de-caen.php>. Acesso em: 17 de jan. 2020.

FERNANDES, L. M. O homem-máquina de La Mettrie. *Revista Alamedas*, vol. 2, n. 1, p. 77-86, 2014.

FRANCALANCI, C. Sobre o prazer: o discurso socrático e o silêncio de Filebo. In *Anais de Filosofia Clássica*, vol. VIII nº15, 2014.

FRÉDÉRIC II. Éloge de la Mettrie. *Corpus - revue de philosophie*, n. 5/6. Paris: 1987. Disponível em: <https://revuecorpus.com/pdf/CORPUS%20N%C2%B05:6.pdf>. Acesso em: 15 de jan. 2020.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4º ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAS, M. *LA METTRIE, J. O. Obra filosófica*. Madri: Editora Nacional, 1983.

LA METTRIE, J. O. *L'Homme-machine*. Paris: Numilog, 2001.

LA METTRIE, J. O. Anti-Sénèque. In: *Œuvres philosophiques*. Paris: 1796. Disponível em <http://dx.doi.org/10.3931/e-rara-13777>. Acessado em 20 janeiro 2020.

LAERTIOS, D. *Vidas e obras dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Metodologia do Trabalho Científico*. 4 ed-São Paulo. Revista e Ampliada. Atlas, 1992.

LAMPE, K. *The Birth of Hedonism: The Cyrenaic Philosophers and Pleasure as a Way of Life*. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2015.

LE HUFFINGTON POST. *Après un AVC, Michel Onfray annule une conférence*. Actualités: 06 de fev. 2018. Disponível em: [https://www.huffingtonpost.fr/entry/apres-un-avc-michel-onfray-annule-une-conference\\_fr\\_5c92d1f0e4b06b13b1881ba4](https://www.huffingtonpost.fr/entry/apres-un-avc-michel-onfray-annule-une-conference_fr_5c92d1f0e4b06b13b1881ba4). Acesso em: 17 de jan. 2020.

LEBRUN, G. A neutralização do prazer. In: MOURA, C. A. R.; CACCIOLA, M. L. M. O.; KAWANO, M. (orgs.). *A filosofia e sua história*. São Paulo: Cosac Naif, 2006.

LUCHETA, R. A. N. *O único e o indivíduo: Do 'eu' de max Stirner ao 'Rebelde' de Michel Onfray*. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Filosofia. Universidade Católica de Santos. Santos, 2010.

MANDEVILLE, A. *Sex, love and hedonism*. West Sussex: Summerdale, 2001.

MARCHI, A. D. *A virtude e o justo no Górgias de Platão*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2009.

MATA, J. *O materialismo hedonista de Michel Onfray*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro: 2007.

MATA, J. *Prazer e Rebeldia: O materialismo hedonista de Michel Onfray*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

MILL, J. S. *Utilitarismo*. Trad: Pedro Galvão. Porto, Portugal: Porto Editora, 2005.

NASCIMENTO, D. S. Akrasia e hedonismo no Protágoras de Platão. In: CARVALHO, M.; FIGUEIREDO, V. *Filosofia antiga e medieval*. São Paulo: ANPOF, 2013.

OLIVEIRA, R. M. N. *O Corpo em Michel Onfray*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: 2015.

ONFRAY, M. *A arte de ter prazer*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ONFRAY, M. *A política do rebelde: Tratado de resistência e insubmissão*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

ONFRAY, M. *A potência de existir: Manifesto hedonista*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ONFRAY, M. *Contra-história da filosofia: as sabedorias antigas. Parte 1*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ONFRAY, M. *Grandeur du petit peuple: Heurs et malheurs des Gilets jaunes*. Paris: Les éditions Albin Michel, 2020.

ONFRAY, M. *L'art du jouir: pour un materialisme hedoniste*. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle, 1991.

PULINO, L. H. C. Z. *A ética de La Mettrie*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2005, p. 330. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280582>. Acesso em: 15 de jan. 2020.

SADE, M. *Histoire de Juliette ou Les Prospérités du Vice*. Paris: Union Générale d'Édition, 1976.

SILVA, M. F. *Epicuro: sabedoria e jardim*. Rio de Janeiro; Natal: Relume-Dumará: UFRN, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2003.

SOUZA, F. C. *Escrevendo e Normalizando Trabalhos Acadêmicos. Um guia Metodológico*. 2 ed-Florianópolis. Editora da UFSC, 2001.

SOUZA, O. M; PEREIRA MELO, J. J. O hedonismo de Epicuro e o hedonismo da Escola Cirenaica. In *Anais do XII Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação*. Universidade Estadual de Maringá, UEM: 2013.

TEIXEIRA, J. P. O. *Sobre a unidade do "Protágoras" de Platão*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte: 2015.

USHER, K.; BHULLAR, N.; JACKSON, D. Life in the pandemic: Social isolation and mental health. *Journal of Clinical Nursing*, vol. 29, n. 1-2, 2020.

VERDE, O Aprendiz. *A sinistra história do Marquês de Sade*. 2015. Disponível em: <http://oaprendizverde.com.br/2015/11/22/a-sinistra-historia-do-marques-de-sade>. Acesso em: 14 de jan. 2020.